

QUARTA-FEIRA
Lisboa--28 de Janeiro de 1931

sempre
fixe

ES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

renga
245



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

No Paraíso



Eva estende a sua roupa e a de seu marido

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O talento em Portugal não é coisa rara. Ha individuos que abraçam duas e três profissões, não se entregando a mais por falta de tempo.

Está neste caso o simpatico empresario Artur Emauz, que — diz-se — vai enveredar pela carreira de autor dramático.

Modestamente, começa por uma traduçãozinha. Trata-se do «vau-ville» *Por si las moscas*, que o ano passado, em Madrid, obteve um ruidoso exito.

Daqui lhe dizemos, sinceramente: Cuidado! muito cuidado... «por causa... das moscas!».

HA varias maneiras de fazer triunfar uma peça, quando está em riscos de se afundar sob uma tremenda pateada do publico. A que está agora em moda é fazer ir ao palco a actriz mais simpática da companhia, debulhada em lagri-

mas, como uma Madalena arrependida.

O efeito é garantido! Um admirador grita que o publico pateante está a ofender a actriz, que nada tem com as sandices que o autor escreveu. A reviravolta dos espectadores é instantanea e completa. Faz-se uma manifestação de simpatia á artista, da qual, como é de esperar, compartilham os autores da peça, que, ás veezs, aparecem agradecendo com a maior semcerimonia...

ENTREGARAM a certo artista uma rabula muito má dizendo-lhe: — E' a melhor rabula de revista que se tem escrito nos ultimos dez anos!

O rabulista leu e viu que não era a melhor; era a pior. Não tinha ponta por onde se lhe pegasse. Então, muito tranquilamente, devolveu-a ao autor, insinuando com ar modesto:

— De facto, o papel é uma maravilha! Mas não o posso fazer... Está muito acima das minhas faculdades...

E estava, porque a rabula, antes de ir á scena, foi duas vezes emendada.

DIZ-SE que a actriz Irene Izidro, dando como razão o seu estado de saude, abandona a companhia dos «Artistas Unidos»...

Mas, então, que «onião» é essa?

O *Leão da Estrela* prepara-se para aparecer no Trindade. E' velho, mas ainda ruge e está domesticado pelo Chaby que é uma maravilha...

COMO ha sempre certa dificuldade em arranjar titulos para re-

vista, oferecemos este aos autores, caso ainda não tenha sido utilizado: *Feira das Vaidades*.

E vem a proposito... a proposito de tudo e de todos!...

OS artistas da companhia do Trindade vão agora a todas as *premieres*.

Preguntámos ao Erico Braga: — Então, agora, ninguem trabalha?

— Com *Dois Milhões* todas as noites, para quê?

O *Diabo em casa* está a dar as ultimas representações, no teatro Nacional.

Vê-se que o diabo não é para brincadeiras. O Ramada Curto bem quiz, mas não conseguiu convencê-lo a demorar-se mais um bocadinho á superficie da terra, só para fazer pirraça ao Ferro. E' caso para dizer da peça:

— Desaparece, enquanto o *diabo* esfrega um olho!

VAMOS ficar sem a *mascotte* do nosso teatro de revista. A Beatriz Costa, feita Clara Bow, parte para Paris, onde val sonorizar a sua linda voz no fonofilm *Noite de Nupcias*.

Esperamos que a sua lua de mel com o cinema acabe depressa! Depressa e bem!

O José Climaco está muito atrapalhado, no Porto, com a *grippe*, que lhe tem dizimado a companhia. Apesar disso, mantem o teatro aberto. Mas como? Ninguem sabe! Naturalmente, os artistas representam na cama...

MISS França está sendo anun-

ciada como «inconfundivel exito da actualidade».

Inconfundivel e visivel! Nem Eva no Paraizo!... Se fóra *precioso* renegamos a patria, naí ranzar dos francêss...

A actriz Maria Matos está escrevendo um livro intitulado: *A minha vida bem contada*... Completando o rifão: *...faz chorar uma calçada!*

Então é melhor não a escrever! Tristezas não pagam dívidas...

AO que parece, a *Dama do Sud* veio equilibrar as finanças da empresa do Gimnasio, logo «amortecidas» de entrada.

Palmira Bastos terra confirmado isto, dizendo:

— Não ha nada como tomar o *Sud* para respirar á vontade!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Filhos e pais

O Pereira era um pai estremo. A familia, o seu lar, representavam tudo para ele. Tinha três filhos, três garotos fortes, morenos, de cabelo negro.

Um dia nasceu um novo rebento. E, com espanto do Pereira, este meudo, ao contrario dos outros, era louro como um filho da velha Albion.

Estranhou o homem o caso e, aproximando-se da mulher, com as maiores cautelas lhe revelou a desconfiança de que o neofito não fosse seu filho.

— Qual quê? — retorquiu a mulher. — Sou uma mulher honesta.

Decorreram muitos dias, e o Pereira andava triste. Não lhe saia da cabeça aquela historia dos seus três primeiros filhos serem morenos e o ultimo louro.

Voltou a aproximar-se da mulher.

— Olha lá. Confessa-me a verdade. Perdoo-te, se tens algum pecado... Mas diz-me com toda a franqueza: este filho, este louro, é meu filho?

— Já que tanto insistes — respondeu ella — vou dizer-te a verdade. Este é... os outros é que não são.

Na casa do Artur, a harmonia nunca foi grande. Por ele, que era um exaltado; por ella, que era um pouco descuidada no arranjo da casa.

Uma manhã, quando o Artur começou a preparar-se para ir para a repartição, notou que a camisa que ia vestir estava amarrotada. Para o facto chamou a atenção da mulher:

— Você não tem cuidado nenhum nem comigo nem com os seus filhos. Desmazelada! E é você mãe de três filhos!

Almoçou precipitadamente, fazendo reparos a tudo e repetindo constantemente:

— E é você mãe de três filhos! E' mãe de três filhos! E' mãe de três filhos!

— Adeus, mãe de três filhos!... Ao que ella respondeu entre os dentes:

— Adeus, pai de dois!...

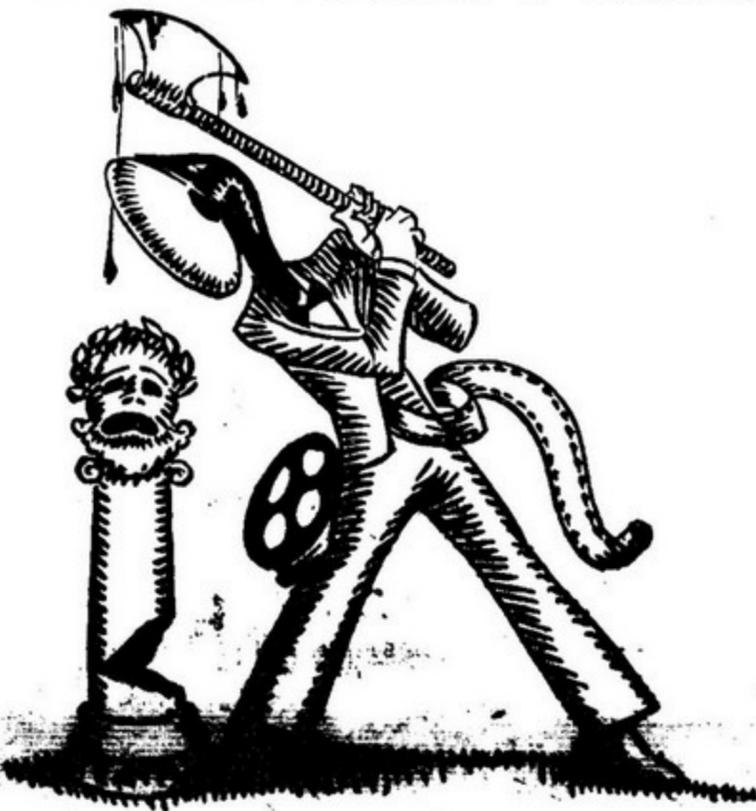
Uma boa lição

Quem é pai, ou quem é mãe,
Sabe
Muitissimo bem:
Não ha no mundo ninguem,
Que não gabe
Todos os filhos que tem.
Eles são sempre uns portentos
De inteligencia e esperteza,
Fadou-os a natureza
Com carradas de talento.
Ha tempos, o Zé Tomás
largou esta: — «O meu Alberto
E' tão esperto,
Tão sagaz,
Que em vendo uma boca aberta
P'ra falar,
Tem logo certa
Uma resposta p'ra dar.»

Ora o rapaz foi um dia
P'ra a escola do Scipião,
Que sem mais diplomacia
O chamou logo á lição:
— «Menino, diga-me cá,
Como é que se devem ler
Um c, um h e um a?...»
Então?... Não sabe dizer?...
Fica entupido o petiz:
E de cara apalermada,
Esgaravata o nariz,
Olha o mestre e não diz nada.
Este a resposta sugere
Com mil perguntas; aflige-o;
E não consegue o que quere
Do tal menino prodigio.
Surge-lhe, então, uma ideia
Que lhe evita mais maçadas:
— «O que é que bebes á ceia,
Juntamente com torradas?
Um c, um h e um a?...»
Só assim o sabichão,
Co'um ar de satisfação,
Responde a sorrir: — «E' chá!»
— «Apre! Custou a sair
Uma resposta acertada.
Vamos lá agora ouvir
Só uma coisa. E mais nada.
Se um c, um h e um a
Fazem chá,
Como é
C-A-á?»
E o Alberto,
Co'um sorriso triunfante,
Responde ao mestre instigante:
— «E' chá!»
Faz café.»

BRAZ SERENO

O cinema contra o teatro



Ainda resistirá muito tempo?

HOJE SEMANA

ACABARAM-SE OS PASSAPORTES E PASSA-SE A PASSAPORTAR ESPANHOLAS EM LARGA ESCALA!

COM OS HOMENS A PODREM-LHES AS ARVORES E AS CORUJAS A PODA-REM-LHES AS CABEÇAS SÃO OS PARDAIS OS MAIS PODADOS DE TODOS.



ESFOLA!!
EU MENGRIPO
EU TENSGRIFE
SÓ A GRIPE NÃO
SENGRIPA...

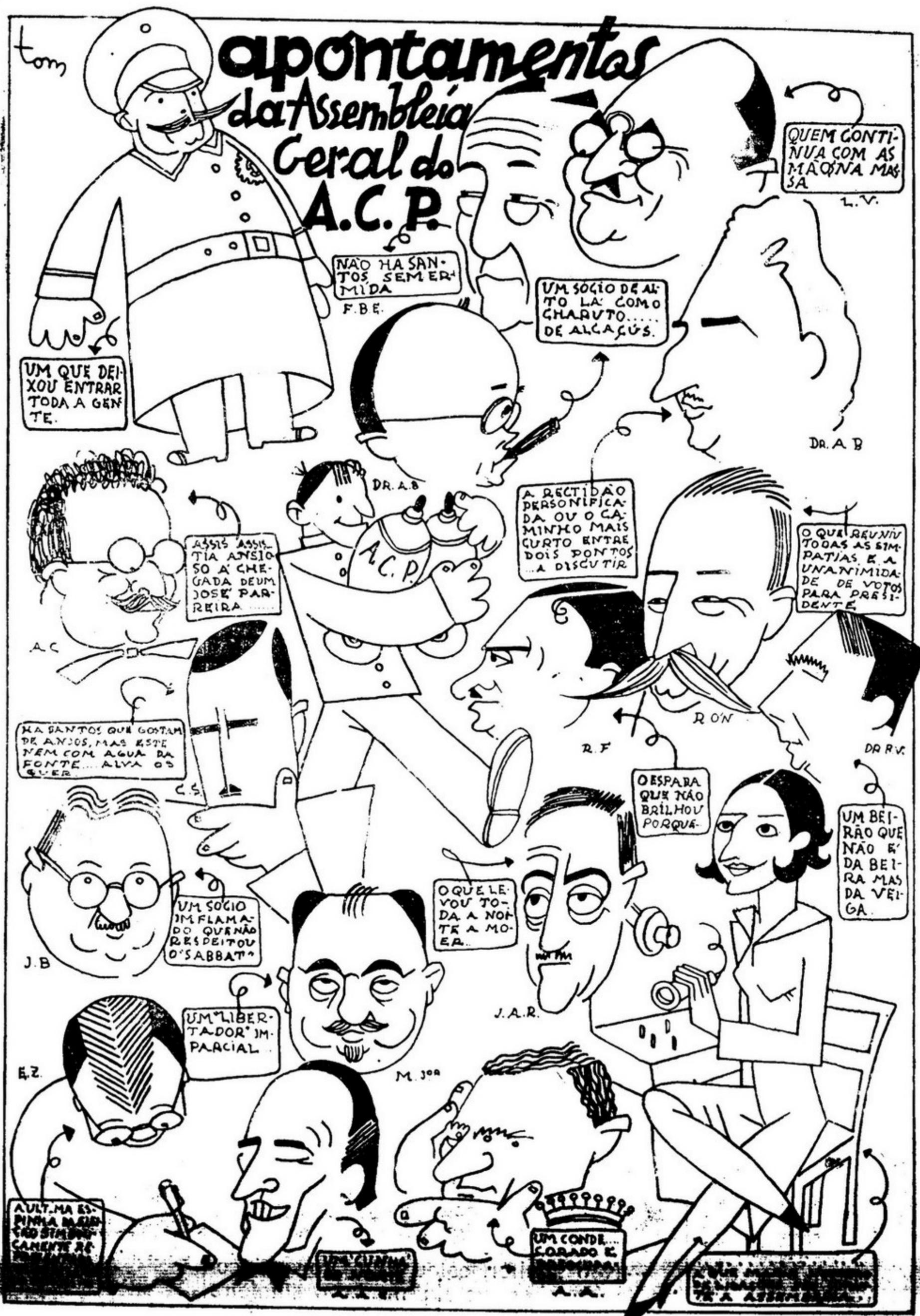
"BELA BARTÓKA MUSICA BELA, POREM O PUBLICO OUVIU BARTOK SEM SENTIR "BELA"



SABE-SE QUE CHANDI FOI RECONDUZIDO A SUA POSIÇÃO DE SOLTURA

ASSIM SIM... JÁ NÃO HA RELEIO... DOUTRA MANEIRA NÃO SUBO





Canção Nacional A última imprevidencia de Teodolito! Cacharolete

O Pírolito

(Ao Arnaldo Leite e Carralho Barbosa)

MOTE

Pírolito, bate, bate,
Pírolito já bateu.
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.

GLOSAS

Era tão linda que ao vê-la
na rua, não resisti,
Os seus passinhos segui
Como o rastro se segue a estrela.
Consegui, por fim, obtê-la
E, ao amor dando combate,
Por marcar um belo empate
Nas hostes do Deus Cupido.
Eu cantei-lhe, não vencido:
Pírolito, bate, bate.

Um outro arrasou-lhe a aza
E em certa tarde d'Agosto
Fugiu-me mesmo ao sol poente,
Deixando-me só em casa.
Pouco a pouco foi-se a brasa
Desse amor que tanto ardeu.
Dizem que se arrependeu
Mas, p'lo não é pelo fim,
Eu fui-lhe cantando assim:
Pírolito já bateu.

Screveu, torrou-me a escrever,
Fez-me mil e dez promessas,
Mas eu, que nunca fui nessas
Fitas p'ra me enternecer...
Vendo a «dôr» a reaparecer,
Resolvi, sem mais aquelas
Dar umas quatro barrelas
As coisas do tempo ido
E agora estou convencido:
Quem gosta de mim é eu.

Vai daí, então, casei,
Indo morar p'ra Ramalde.
Um conhecido arrabalde
Por certas coisas que eu sei...
E agora que já firmei
Os galhos desta união,
Se cair em tentação
Outra vez minha mulher,
Que seja o que Deus quiser...
Quem gosta dela sou eu.

REPORTER B.

Lição de gramática

O Jerônimo Ramalho,
de família aristocrática,
era o aluno mais velho
dos problemas de gramática.

— Sem discussão nem hesitação,
o mestre respondeu-lhe:
— O problema era um problema
de gramática na boca.

Um dia, durante a lição,
nota-se, faz-se ouvir,
E a seguir ao professor
chama o Jerônimo a atenção.

— Que vem a ser um pronome,
mestre, senhor Jerônimo?
— É o mudo de responder,
— Um pronome é uma prononímia!

Quando se pede a gramática,
que um resultado se complete
o problema geral,
sem falta a lição expone.

— O mestre fez-se apressado,
ninguém decorre o nome,
que pronome quer dizer
que um verbo do nome se entrega.

Por isso, qualquer pronome
conclui o livro o Jerônimo,
como se usa em vez do nome,
e apenas um prononímia!

Brinde aos noivos

No fim do bom jantar de casamento,
por entre as dez e as onze, os convidados
brindaram mais ou menos inflamados
com champagne, com graça, com talento.

Falaram, repuxando ao sentimento:
oradores de classe e consagrados,
que em discursos de ha muito improvisados
largaram redea solta ao pensamento.

Chegou-me a triste vez também por fim,
porque a boa vontade não prescinde
da minha saudade Palet assim!

«Não tendo eu bossa que a brindar me afoite,
faço em duas palavras o meu brinde,
apetecendo aos noivos... boa noite!»
ANTONIO AMARCO.

Teodolito era nem mais nem menos que o maior coleccionador de cuspo internacional que Lisboa conhecia.

Desde pequeno que se dedicara aos sêlos, tendo apanhado muita estampilha por variados motivos. Neurastenico, tinha a mania de que o ordenado (200 escudos mensais) lhe não chegava para viver. D'aí andar sempre aborrecido e de galochas.

Muitas vezes foi ao Campo Grande com intenção de se afogar no lago, mas o seu metro e setenta e dois de altura punha-lhe a cabeça fora de perigo.

O seu amigo Sargedas, antigo combatente de Africa e morador em S. Tomé, era quem lhe aturava a tabujice e lhe emprestava alguns escudos, de mistura com conselhos gratuitos.

O Sargedas, um pouco estúpido por causa da doença do sono que adquirira no Ministerio das Colonias, tinha por vezes saídas que pareciam de pessoas entradas.

Acontece que o nosso amigo Teodolito procurou o seu amigo Sargedas.

Levava o seu fato domingueiro e uma constipação novinha em folha. Procurava-o para lhe dar duas novidades: A primeira é a de que ia casar com uma senhora hervasaria que tinha o seu pé de meia e um pouco de mau halito; e a segunda é de que tinha saído uma ordem para todos da repartição se vacinarem.

Quanto á primeira, exultava! Era o jantar a horas em perspe-

ctiva e o desaparecimento do hemorroidal com a alfavaca da namorada.

O Sargedas felicitou-o e recomendou-lhe juizo e, sobretudo, que tratasse a futura com o carinho necessario.

Quanto á segunda, o Teodolito, que era muito desleixado, tanto nos costumes como nos pagamentos das dividas, ouviu um verdadeiro sermão do Sargedas que acabou por lhe dar um bilhete para um amigo que era veterinario.

O Sargedas despediu o Teodolito com esta recomendação:

— Vai e não te esqueças de te vacinar! Não te desleixes porque pedes marchar desta p'ra melhor.

Passaram-se uns bons quinze dias e o Teodolito nada!

Até que numa certa manhã o Sargedas, ao ler um jornal, teve um estremeção. Amarrotou o jornal e, muito enfiado, enfiou o sobretudo e ei-lo a bater á porta da dona da hervasaria.

— O que o traz por cá?

— Calcule — gagueja o Sargedas — que acabo de ler o jornal...

— E depois? — perguntou a candidata a viuva.

— Como sabe, eu tinha mandado o Teodolito vacinar-se! Ele, desleixado como sempre, não se vacinou! E sabe o que aconteceu ao Teodolito?!

— Eu não! — respondeu a negociante de paus de alcassuz.

— Pois o Teodolito morreu ontem, atropelado por um automovel!...

SOBRAL JUNIOR.

A temperatura

Georgette, para correr
Co'o seu velho protector,
E assim poder receber
Um rapazinho qualquer
Por quem sente um certo amor,

Fingiu que a gripe a atacara,
Devido ao frio que tem feito,
Toda uma scena prepara,
E ao bom velhote declara
Que vai recolher ao leito.

Como essa febre o inquiete,
Pergunta á noite ao seu bem
P'lo telefone o vegetal:
— «Stá melhorsinha, Georgette?
Que temperatura é que tem?»

Responde ela sem detença,
Num movimento sincero,
Pois nem já de longe pensa
Naquella falsa doença:
— «Um grau abaixo de zero!»

Viuva

VIUVA nova, completamente
lura, desejava conhecer outra
senhora nas mesmas condições,
que a quizesse acompanhar a uma
serie de festas de Carnaval.
(Do Livro de Noticias)

Como a vida lhe sorria,
E' evidente que a esta
Lhe pede o corpo folia,
E não deixa de ir á festa
Por falta de companhia.

Acho muito natural
Que a sua vida desregre
Numa louca bacchanal,
Que em chegando o Carnaval
Ha muita Viuva Alegre.

JOAO FERNANDES.

As divorciadas

Informam de Budapest
a um jornal alemão
que as mulheres divorciadas
querem uma associação.

Madame Panariú,
dirige este movimento
das que romperam o nó
que deram no casamento.

Mas não ficam por ali,
segundo a noticia diz,
e vão estender o seu gremio
de Budapest a Paris.

Para a sua presidencia
convidam, prestando venia,
a ex-mulher de Carol,
que é rainha da Romania.

Até aqui não ha nada
que seja extraordinario
no telegrama que eu li
esta manhã, num diario.

Mas o que estranhei de veras
— quem poderia pensá-lo? —
é que são contra o divorcio
e querem dificultá-lo!...

O HOMEM DOS TIMBALES

Taboletas de Lisboa

«Ha bom café de cevada!»
Li outro dia este informe
em loja bem frequentada,
numa taboleta enorme.

E' como uma martejada
dada com ponta de cano
ou gostosa martejada
feita de côco e banana.

Não vou nessa cafésada,
falsificada á metroca,
com médo duma martejada
do velho café... de Moka.

Quando se vai ao mercado
de um bairro da casa,
sem esquecer o quinquado,
chamem-lhe antes... cevadas.

ANTONIO AMARCO.



--- Deseja taxi?
--- Não senhor, estou aqui porque, como tenho chapeus da moda, o sinaleiro pediu-me para o substituir enquanto foi ás Necessidades...

E' da gripe!

Já tem foros de giria popular esta exclamação: *E' da gripe!*

Quer nas ruas da Baixa, quer nas Avenidas Novas, quer ainda nos bairros excêntricos, toda a gente grita e berra: *E' da gripe!*

No Café Chiado — passe o reclamo — adregámos o grande dramaturgo, caudaloso e parlamentar socialista sr. dr. Ramada Curto, um dos *fixos* cá do *Fixo*.

Estabelecemos um pequeno diálogo e sem mais aquelas, disparámos a glacial pergunta:

— Que nos diz á *D. Gripe?*

— Oh! meu amigo! Tenho o *Diabo em casa*. Constipei-me valentemente. Uma *Noite no Casino*.

— Um grande *Caso do dia*.

— Absolutamente. A *Dama do Sud* é que está fazendo uma correspondência perigosa...

— Principalmente ao Erico? — observámos.

— Sim. Ela pede constipar de *veras Os dois milhões* do Chaby.

— *Xa bi tudo! E' da gripe!*

De monólito em riste, o espirituoso Gualdino Gomes saiu-se com esta:

— O' doutor, a *gripe* deu cabo dos anos que o Bóto hoje festejava!

— Oh!

— E' verdade.

E retirou-se, todo direitinho, para a porta do Café a esfregar as mãos de contentamento.

* * *

Já se encontram alguns leões fechados por causa da *gripe*. Mas, os estudantes, em lugar de se meterem entre lençois, dão margens á sua alegria, increpando as senhoras, descarrilhando electricos e bezuntando as barbas de cavalheiros respeitáveis, ante o olhar *engripado* da policia de giro.

Oh! que giro!

Tudo isto dá-me *aguardente em relatar*. Mas, os factos são factos.

Agora já não ha, por motivo da *gripe*, cidadão ou pitonisa do Amor que se não embriague com bebidas brancas e tintas, a conselho medico.

Os *Palaces-Kock's* da capital e os *Bar's* — que fino! — avultam de fregueses.

E o gorgolejar das torneiras não cessa, atendendo a que o alcool mata a *gripe*. Tudo bebe minha gente: a policia, a sopeira, o operario, o poeta, a rascóia, a elegante dos Bichos — *livra!* — o homem publico e o varredor das ruas — que é uma limpeza nos caseiros dos alambiques.

Não ha duvida. Tudo bebe minha gente, e como eu sou filho de mulher que bebe, quero beber tambem...

E' da gripe!

IVINHO.

TAC-TAC-TAC

O HEROICO SALVADOR

Ao longe divsava-se o longo risco de fumo da chaminé do transatlantico *Sheet Rives*, da Kif-Kif C., que trazia aos braços dos seus conterraneos o benemerito João Lagarto, reconstrutor da igreja do lugar de Santa Lomba.

Viera toda aquela multidão do mais profundo das Beiras para receber o patrio enriquecido em terras de Santa Cruz, mas jamais esquecido da sua amada terrinha de Santa Lomba-Levem, onde nascera e medrara, té os tados o haverem conduzido aos longínquos páramos onde canta o sabiá.

Ao longo do cais acovelava-se toda a gente, como se o homem viesse pendurado num mastro e possível fóra lobrigá-lo antes que o paquete atracasse.

Cóizas das turbas ignorantes e entusiasmadas!

De quando em vez, ouvia-se um palavrão d'algum que bruscamente fóra emurrado e se temera de ir ao charco.

— O' sua cavalgadura não empurre!

— O' seu latagão, vá dar coices na sua mãe!

E outras! outras queixandias, que até agonizava ouvi-las...

— Mas — qual? — parece que era de proposito. De berado a bocado, a onda vinha puxada de trás e pareciam mesmo uma verdadeira manada de bêstas.

Havia uma mulhersinha muito accada e pernestica que não se cansava de advertir:

— Juizinho! Estamos aqui, está um de nós a ir á agua...

Ora, meu dito, meu feito: a mulher não tinha acabado bem a sua frase, zás! lá caiu uma creança ao rio.

Muita gritaria, uma grande confusão: «Chamem os bombeiros»; gritos de socorro... mas ninguem se mexia.

Nisto, um homem possante e de aspecto severo trambulha para o charco, no sitio onde caira o petiz.

Toda a gente pasmou do heroismo sereno do nobre cidadão, que em vão pretendia aguentar-se ao de cima de agua, naturalmente por não saber nadar.

Entretanto, haviam chegado os

bombeiros da Rocha do Conde de Obidos, que lançaram uma escada e, com o auxilio dum *croq*, conseguiram trazer para terra a creança e o seu corajoso salvador.

Ambos tinham perdido os sentidos. Por isso os levaram, no meio do respeito e da admiração geral, para o posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço.

Mas a noticia da heroica attitude do provento cidadão espantara-se e chegara ás autoridades respectivas.

No posto, o illustre prócere começara a dar indícios de voltar a si. Era a ocasião propicia: os representantes do Governo, acompanhados duma comissão de populares, esperavam essa ocasião para manifestarem ao anonimo varão assinalado a gratidão da patria agradecida.

— *Duas vezes heroi!* — começara a dizer o capitão do porto, em nome das forças navais.

Mas o nosso homem, sentindo-se gesticulava freneticamente e abanava com a cabeça.

— Está aflito! — notou o enfermeiro de serviço. — E' preciso dar-lhe um cordeal.

E foi buscar-lhe um grande copo de vinho de Porto (por sinal que sem marca legivel).

O *duas vezes heroi* fez então sinal de que queria falar. Todos se calaram.

— Estou muito cansado! — balbucou ele —; explico tudo depois. Mas a autoridade interveio, conspiciua:

— Deixem-no em repouso!

E, dirigindo-se ao combalido bo-menageado:

— Só quero saber uma coisa. E' para o decreto que o condecora com a gran-cruz da Benemerencia. O seu nome; diga-nos o seu glorioso nome!

Então o outro não se conteve; e, dum salto, pôs-se firme, de pé, gritando aplopetico:

— O meu nome, para quê, senhor?! O que eu queria saber era o nome daquele filho duma cabra que me empurrou para a agua, quando a creança caiu.

CIRIANO DE VELHOFRAC.

DESSPORTOS

Os homens do *foot-ball* Parecem-me os empregarios. Quando as revistas não dão, Embora aumentem o rol! Dos numeros e quadros varios. O publico diz-lhes que não.

Como ha certa brutalidade E a principal violencia. Reside no pontapé, Chelinhos de bondade, Qualquer dia, por clemencia, Proibem a bota até.

Mas enquanto não vier E não vem, infelizmente. Essa bela ocasião, O jogador que quizer, Forra o bote exteriormente Com macinhos de algodão.

Por mais que mudem as leis, Por mais esforços que façam. O *foot-ball* já esticou. Dal tempo ao tempo e veréis. Todas as manias passam E esta mania passou.

JOIAS, PRATAS, OURO E RELOGIOS

JOALHARIA MONTE — Rua Nova do Mundo, 56 e 54
TELEFONE 2 7662

Prosa de Cha-Velho

O «aficionado» extremenho Pablito Damian, sobrinho do representante da conhecida ganaderia da sr.^a Viuva de Soler, vai ser empregario duma proxima corrida de touros em Badajoz e usando dum processo original que merece ser contado.

Pablito é representante duma marca de automoveis e tem, como é natural, a sua comissão na venda dos respectivos carros, procurando, portanto, compradores que nem sempre aparecem.

Sabido que toureiros e creadores são, em Espanha, bons compradores de automoveis, tratou Pablito de descobrir a maneira de amarrar alguns á obrigação de comprar os que ele representa.

Para tal, fez-se empregario da referida corrida, oferecendo, a toureiros e «ganadero», pagamento em genero, isto é, em automoveis.

Assim, contratou dez toureiros dos que recebem dez mil pesetas, e que desta vez receberão, cada um, a sua «voiturtte», de valor aproximadamente igual; e pelos seis toures fornecidos receberá o seu proprietario uma «canionette» das que importam no aproximado custo dos bichos.

E desta maneira vende Pablito os seus automoveis...

* * *

Expediente semelhante poderia aliviar da diabetis que o ator-aliviar da diabetis que a atormenta.

Como o assucar está caro e os nesses toureiros são baratos, poderia Mestre Segurado pagar-lhes no genero que lhe sobra.

E a cada bandarilheiro pagaria Mestre Segurado com um sacco ou saquinho de assucar, livrando-se daquele que o aflige.

Pela ideia, que se justifica com a proximidade do Carnaval, não levamos nada a Mestre Segurado, nem sequer um quilo de assucar...

PEREZ LA CHAISE.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

Quereis dinheiro ?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O proximo numero do

KINO
DE VIMAR

O proximo numero do

KINO
DE VIMAR

Elevador da Gloria

No atelier dum pintor:
O visitante: — E um quadro representando uma aurora é mais caro?

O pintor: — Naturalmente!
O visitante: — E porquê?
O pintor: — Porque para o pintar tem que se acordar mais cedo...

* * *

Num jardim publico:
— Esta planta pertence á familia das rosaceas?
— Não, pertence á Camara Municipal...

* * *

Entre amigos:
— Devo ao alcool toda a minha fortuna!
— Como assim?
— Quando fui pedir a mão da minha noiva, meu sogro estava bebado...

* * *

João: — Parece-me que tua mulher gosta de ter a ultima palavra em todas as discussões!

José: — A ultima e as anteriores...

* * *

Num salão:
Ela: — A sua novela é decente?
O escritor: — Sim, minha senhora! Sua filha pode lê-la com os olhos fechados...

* * *

Ele: — O que deve fazeru m marido quando os seus negocios vão mal?

Ela: — Dispensar todas as dactilografias a quem faz namoro...

* * *

Ela: — Quanto daria para ser homem?

Ele: — Para quê?
Ela: — Para levar minha mulher ás lojas e comprar tudo quanto ela quer...

* * *

O professor: — Diz la os dias da semana!

Antoninho: — Ontem, hoje, amanhã, depois de amanhã...

* * *

O patrão: — Tu bebeste whiskey desta garrafa?

O criado: — Não, senhor!

O patrão: — Palavra de honra?

O criado: — Palavra de honra! Não consegui abrir a garrafa...

* * *

Ele: — Suponho que terá sofrido muito pela morte do meu amigo Ramires!

A viuva: — Ainda isso não é o pier, senão pensar como será o que vier...

* * *

— Ha três noites seguidas que sonho que me dão 20 escudos. Será porque durmo de boca para cima?

— Hom'essa! Para dormires de boca para cima é que te davam seiscentos escudos por mês?...

OS MALES DO EUSEBIO

O Eusebio Faustino da Silva levava uma vida acidentada durante mais de vinte anos. Uma fortuna pessoal muito regular permitia-lhe uma serie de aventuras galantes, com muitos môlhos esquisitos, mayonnaises e garrafas de bom vinho.

Jurara aos seus deuses nunca se casar, e cumpriu fielmente o juramento, porque hoje, e já tem uns bons sessenta, ainda está solteiro.

A mulher, entendeu-a ele sempre como um objecto que deve usar-se o mais frequente e comodamente possível, mas nunca na situação de esposo.

Assim o pensou; assim o fez sempre.

Enquanto foi moço, a vida foi correndo ás mil maravilhas. Mas, á medida que os anos iam correndo, Eusebio ia sentindo o cansaço que, naturalmente, a agitação lhe havia de trazer.

Moderou-se um pouco. Mas nunca abandonou definitivamente a vida que até então levava.

O certo é que as doenças vieram.

Primeiro, uma anemia, de que com um certo cuidado se tratou. Depois, uma carga formidavel de nervos, com palpitações no cora-

ção, de que conseguiu tambem curar-se, com a ajuda dum medico amigo. Em seguida, appareceu com uma neurastenia profunda, o que o levou, por conselho medico, a ausentar-se para Madrid. Talvez que a vida alegre da capital espanhola conseguisse curá-lo.

Desapareceu a neurastenia. Em substituição veio-lhe um formidavel ataque hemorroidico que não o deixava dar um passo sem que soffresse dôres violentissimas.

Uma tarde, chegando ao café e queixando-se do mal, disse-lhe o criado: — «O senhor sofre porque quere. Vá a um medico que aqui costuma vir. E' um homem simpatico, de barba negra, que mora na calle Colón, 34».

Nessa mesma tarde, o Eusebio resolveu consultar o galeno.

Abriu-lhe a porta um homem de barba negra e bata branca. Eusebio, sem o deixar falar, colocou-lhe o padecimento ante os olhos, rogando-lhe que lhe puzesse alguma coisa ali que abrandasse as dôres.

— O senhor está equivocado — voltou o homem de barba negra. — Só se quizer que lhe ponha um vidro. O medico mora cá em cima. Eu sou relojoeiro.

Graça dos outros

Num antiquario:
— Queria veder um jarrão chinês como o que está na montra...
— Seis mil réis!
— Perdão, queria comprar...
— Seiscentos mil réis...

* * *

Entre amigas:
— Que tal a vossa viagem de noivos?
— Admiravel! Meu marido foi tão carinhoso e delicado que ninguém acreditava que eramos casados...

* * *

A' mesa:
Ela: — O jantar hoje estava muito bom!
Ela: — Fui eu que o fiz!
Ela: — ...apesar disso, nunca comi tão bem!...

* * *

Ela: — Gosto muito de ter as minhas mãos nas tuas...
Ela: — Sim, é a unica forma de não teares piano...

* * *

— O senhor não está em casa!
— Quando volta?
— Quando o senhor dá ordem para dizer que não está em casa, nunca se sabe quando volta...

* * *

No atelier de pintura:
O visitante: — Que lindo quadro! Dá perfeitamente a impressão de que é manhã. Como o vai intitular?

O pintor: — Ocaso!

* * *

Entre amigos:
— Como estás tu? E tua senhora?
— Mas eu não sou casado!
— Ah! A tua senhora ainda está solteira...

* * *

No campo:
A mulher: — Porque não vais procurar a ovelha que fugiu?
O pastor: — Como, se não sei qual delas se perdeu...

* * *

Na officina:
O patrão: — Não posso atendê-lo! Não tenho trabalho para occupar durante o dia todos os homens que aqui tenho...
O desempregado: — Não importa! Aceite-me. Trabalharei pouco...

* * *

O pai: — De modo que a senhora é a noiva de meu filho? E porque não se dirigiu primeiro a mim?
Ela: — Pensei realmente nisso; mas... gosto mais de seu filho!

* * *

— Gostas de gatos?
— Muito, mas não os digiro bem...

* * *

Duma peça antiga:
— «Ouvem-se as patas dum cavallo. Val á porta, filho! Deve ser teu pai!...»

Os irmãos unidos



— Os irmãos unidos...
— Ha dois em pé: um na plataforma da frente e outro na da retaguarda.

BARBIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

Professora francesa

Resposta a esta administração de letras T. C.